

O CASTELO DE COLARES

Mito ou Realidade?

[Artigo repescado do Jota Jovem, periódico da Escola da Sarrazola de 1991 a 1998.
O texto seguinte foi publicado no número 15, em junho de 1997]

Apesar de incluir no seu brasão indícios de povoação fortificada e das referências em publicações antigas, nas quais por vezes a lenda se funde com a História (“... tratou a Condessa logo de edificar com os seus o Castello de Colir, e junto a ele se construiu a povoação que hoje se chama Collares, da qual derivou o nome ...”), sempre houve quem contestasse a existência desta construção.



Até finais da Idade Média a costa ocidental portuguesa era entrecortada de múltiplos braços de mar ou esteiros, que permitiam chegar de barco a muitas povoações que hoje se encontram relativamente afastadas do mar. Esses esteiros, bastante profundos e largos em épocas pré-históricas, foram diminuindo progressivamente até aos séculos XIV-XV da nossa era, altura em que o seu total assoreamento os transformou em vales arenosos, apenas sulcados por pequenos ribeiros. Foi esse o caso do Vale de Colares, navegável durante a primeira dinastia aproximadamente até ao Banzão e durante a época muçulmana talvez um pouco mais a montante, ou seja, até à base das colinas que deram o nome à povoação: Colares.

Pode-se pois afirmar, sem margem para grandes dúvidas, que durante a época muçulmana Colares funcionava como o porto de Sintra. Pertencente ao **termo** desta última vila, que a dada altura e nessa mesma época parece ter-se autonomizado relativamente a Lisboa, Colares deve ter atingido significativa importância, não só pelas suas riquezas próprias - nomeadamente ligadas à fruticultura e, então, também decerto a uma intensa atividade piscatória e portuária-, mas também como local de escoamento dos produtos oriundos do **Termo de Sintra**.

Textos árabes referem que Sintra possuía dois castelos de extrema solidez. Normalmente interpreta-se esta notícia como referente, quer à grande atalaia que coroa alguns dos mais elevados cumes da Serra e que defendia toda a região -o "Castelo dos Mouros"-, quer às muralhas e torres que envolviam a própria vila de Sintra, cujos vestígios são patentes ainda nos desenhos que Duarte D'Armas fez em 1507.

Se a vila de Sintra possuía torres e muralhas durante a época muçulmana, certamente o mesmo acontecia com Colares, muito mais acessível por parte do mar e vulnerável às incursões dos piratas Normandos ou dos Cristãos do Norte da Península Ibérica. Não é ainda impossível que os mencionados textos árabes se refiram, afinal, às muralhas de Sintra e de Colares, não individualizando expressamente o "Castelo dos Mouros" por considerá-lo simples

complemento das fortificações da vila de Sintra. Nesta ótica, as duas fortalezas ou castelos de extrema solidez existentes no termo de Sintra seriam, precisamente, as muralhas e torres que rodeavam e protegiam as povoações muçulmanas de Sintra e de Colares.



Até finais da Idade Média a costa ocidental portuguesa era entroncamento de múltiplos braços de mar ou estuários, que permitiam chegar do mar a muitas povoações, que hoje se encontram relativamente afastadas do mar. Esses estuários, bastante profundos e longos em épocas pré-históricas, foram demasiado progressivamente até aos séculos XIV-XV da nossa era, altura em que o seu total assoreamento os transformou em vales arenosos, apenas utilizáveis por pequenos ribeiros. Foi esse o caso do Vale do Colares, na vizinhança de Sintra, que provavelmente até ao Renascimento e durante a época muçulmana teve um pouco mais a sorte, até à base dos colares que dizem o nome à povoação Colares.

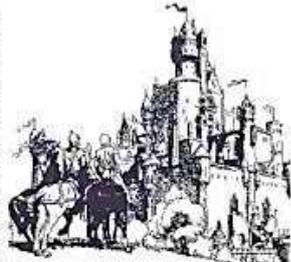
Foi-se pois afirmando, sem margem para grandes dúvidas, que durante a época muçulmana Colares funcionava como porto de Sintra. Pertencente ao termo desta última vila, que a data ainda o mesmo nome após pouco ter se autonomizado relativamente a Lisboa, Colares deve ter atingido significativa importância, não só pelas suas riquezas próprias — nomeadamente ligadas à fruticultura e, então, também decerto a uma intensa atividade piscícola e portuária —, mas também como local de escoamento dos produtos oriundos do Termo de Sintra.

Temos árabes referem que Sintra possuía dois castelos de extrema solidez. Normalmente interpreta-se esta notícia como referendo que à grande itálica que corria alguns dos mais elevados cumes da Serra e que defendia toda a região — "Castelo dos Mouros", que as muralhas e torres que envolviam a primitiva vila de Sintra, cujos vestígios são patentes ainda nos dias de hoje —, mas D'Álvares fez em 1907.

Se a vila de Sintra possuía torres e muralhas durante a época muçulmana, certamente o mesmo acontecia com Colares, muito mais acessível por parte do mar e vulnerável às incursões dos piratas Normandos ou dos Cristãos do Norte da Península Ibérica.

Não é ainda impossível que os mencionados textos árabes se refiram, afinal, às muralhas de Sintra e de Colares, não individualizando expressamente o "Castelo dos Mouros" por considerá-lo simples complemento das fortificações da vila de Sintra. Nesta ótica, as duas fortalezas ou castelos de extrema solidez existentes no termo de Sintra seriam, precisamente, as muralhas e torres que rodeavam e protegiam as povoações muçulmanas de Sintra e de Colares.

Seja como for, a análise da evolução histórica e urbanística de Colares aponta-nos, por si só, para a existência de antigas muralhas que rodeavam a primitiva povoação. Colares, durante a época muçulmana, devia circunscrever-se à plataforma onde hoje se ergue o Pelourinho e a Igreja da Misericórdia e à encosta que daí desce até à plataforma ocupada pelo largo da Igreja.



Os muros, que ainda hoje circunscrevem a maior parte desta zona, por vezes interrompidos por velhas casas e que correm ao longo das Escadinhas do Pelourinho, da Rua Fria, da Rua 16 de Infantaria e da Rua da Fonte Velha, delimitam uma série de atuais terrenos de cultivo e de quintas, que devem corresponder à área onde se ergueu a povoação muçulmana.

Os muros, que ainda hoje circunscrevem a maior parte desta zona, por vezes interrompidos por velhas casas e que correm ao longo das Escadinhas do Pelourinho, da Rua Fria, da Rua 16 de Infantaria e da Rua da Fonte Velha, delimitam uma série de atuais terrenos de cultivo e de quintas, que devem corresponder à área onde se ergueu a povoação muçulmana.

Acima: Capa do Jota Jovem, com ilustração de Harold Foster

O campo de silos, entulhados com materiais da época muçulmana, subjacente à atual Igreja Matriz e à respetiva **necrópole** envolvente, encontrar-se-ia já extramuros, isto é, fora do principal circuito amuralhado.

Sabe-se, por documentos medievais, que a comunidade moura de Colares perdeu intacta durante toda a primeira dinastia e mesmo mais tarde, até finais do séc. XV. Durante esse longo período de dominação portuguesa, a comunidade moura de Colares continuou a possuir o seu cemitério próprio, decerto também a sua mesquita e a ocupar o seu tradicional espaço habitacional na antiga zona intramuros.

Não é por acaso que as igrejas e necrópoles cristãs vão surgir fora da povoação muçulmana: na Quinta de Nossa Senhora de Milides e sobre o campo de silos extramuros junto à atual Igreja Paroquial; se a comunidade moura tivesse sido expulsa após a Reconquista, decerto que os templos cristãos não surgiriam na periferia, mas sim no centro da povoação conquistada. Junto às igrejas ergueram-se as casas dos primeiros povoadores cristãos, também elas fora da área urbana muçulmana. Aliás, a mesma realidade se verifica na vila de Sintra, fruto da pacífica rendição das comunidades muçulmanas de Sintra e de seu termo a D. Afonso Henriques. Toda a área hoje ocupada pelo Palácio Real de Sintra terá sido o âmago da velha vila muçulmana, e apenas terá deixado de ser ocupada por populações mouras em finais da primeira dinastia -bem mais cedo do que em Colares-, permitindo então a D. João I erguer sobre os bairros mouros abandonados o grande Palácio Real. Também as igrejas cristãs de Sintra se encontram afastadas do centro muçulmano: a mais antiga, a de S. Pedro de Canaferrim, junto ao Castelo dos Mouros, entregue em 1154 por D. Afonso Henriques aos primeiros povoadores cristãos; a Igreja de Santa Maria situada no "Arrabalde", ou seja, nos

arredores da vila; por fim a mais recente, já do séc. XIII, a de S. Martinho, construída numa plataforma próxima da antiga vila muçulmana.

O paralelismo entre os casos de Sintra e de Colares vem reforçar interpretação que fazemos da evolução urbanística desta última povoação. Em Colares, os centros de poder muçulmano -ou seja o **Alcazar** e a **Mesquita**- deviam situar-se na plataforma mais alta. Não é por acaso que aí vão surgir os principais centros de poder cristãos, após a expulsão dos **mouros forros**, empreendida por D. Manuel I -a Casa da Vereação e o Pelourinho, erguido por volta de 1516, ano da atribuição do Foral Manuelino à vila de Colares-. A área antigamente ocupada pelos bairros muçulmanos desertificou-se. Se em Sintra foi o rei D. João I a tirar partido dessa situação, construindo o Palácio Real em inícios do séc. XV, em Colares vamos encontrar uma situação equivalente mas obviamente mais tardia, com a construção em finais do séc. XVI., inícios do XVII, de uma Casa Senhorial apalaçada pertencente a uma importante família da



nobreza -os Melo e Castro. Desse palácio, que se erguia sobretudo onde hoje existe a antiga Escola Primária, resta apenas a grande arcaria da fachada principal e respetivo terraço. A seus pés estendem-se os campos e quintas onde permanecem subterrados os antigos bairros muçulmanos de Colares.

Do palácio dos Melo e Castro, vítima de um devastador incêndio durante a primeira metade do séc. XIX, resta apenas a referida arcaria. Apesar de não ser anterior a inícios do séc. XVII e de ter pertencido apenas à Casa

Senhorial dos Melo e Castro, a tradição denomina-a de “Castelo de Colares”, emprestando assim às atuais ruínas abobadadas uma antiguidade e um carácter defensivo que nunca possuíram. Mas, simultaneamente, tal designação recorda e mantém viva a primitiva função daquele local: sob a Escola Primária permanecem, muito provavelmente, os alicerces do antigo Alcazar mouro e é bem possível que a Igreja da Misericórdia esteja construída sobre as fundações da antiga mesquita. Dos muros, que rodeavam os velhos bairros muçulmanos, subsistem ainda largos troços.

Tudo justifica, afinal, que continuemos a falar do Castelo de Colares, ao mesmo tempo mito -pois as arcarias setecentistas nunca lhe pertenceram- e realidade -pois por aqui passaram, deveras, as velhas muralhas muçulmanas de Colares.

Clube do Património “O Saloio”

Com a colaboração de J. Cardim Ribeiro

Dados da introdução extraídos de “Cintra Pinturesca”, pelo Visconde de Juromenha, 1838

A ilustração da primeira página do J.Jovem é uma vinheta de “Prince Valiant”, desenhada por Harold Foster em 1937

Glossário:

Termo de Sintra -amplo território rural em torno de Sintra e dependente administrativamente desta vila.

Campos de Silos -campo no qual se abriu um conjunto de silos: reservatórios escavados na rocha para a conservação de cereais ou armazenagem de outros produtos.

Necrópole -conjunto de sepulturas, normalmente à volta de Igrejas no caso das necrópoles cristãs.

Alcazar -palácio muçulmano fortificado.

Mesquita -templo ou igreja muçulmana.

Mouros forros -mouros cuja liberdade, após a conquista cristã, era assegurada através de um privilégio concedido pelo Rei.